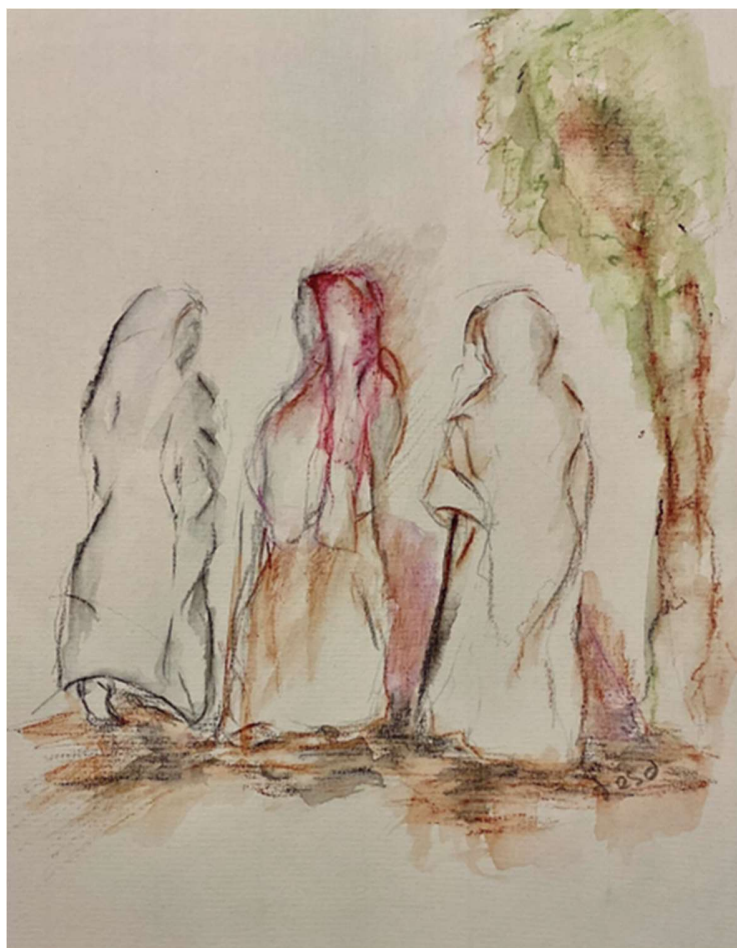


Tema de Estudo 2024-2025

ANEXO

No caminho de Emaús



Meditações diárias

com base no Evangelho *Lc 24, 15-35*

Prof^a Marina Marcolini

no 13º Encontro Internacional das ENS - Turim, Julho de 2024



Supra-Região Portugal
Equipas de Nossa Senhora



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

Apresentação de Marina Marcolini

Antes de iniciar a oração da manhã, gostaríamos de apresentar a Marina Marcolini, que durante estes cinco dias de encontro nos levará pela mão, nas suas reflexões que irão detalhar a Passagem dos Discípulos de Emaús em paralelo com a liturgia da Eucaristia. Como é difícil apresentar Marina Marcolini em poucas palavras! Com emoção, queremos dizer-vos que nela descobrimos, antes de mais, um ser humano extraordinário com uma sensibilidade, uma simplicidade e uma profundidade que nos cativou e um ardor de coração ardente que contagia. No início, quando entrámos em contacto com ela e lhe perguntámos se poderia juntar-se a nós neste encontro com as reflexões diárias da Passagem dos Discípulos de Emaús, a nossa troca de e-mails foi muito formal, já que não nos conhecíamos, mas logo Marina nos abriu a porta do seu coração e todas as formalidades foram postas de lado.

Tomamos a liberdade de não apelidar a Marina de professora, ou doutora, porque para ela, na sua fascinante simplicidade, o título que mais a honra é o de "Uma mulher apaixonada por Deus e por Jesus". Nas suas próprias palavras, uma experiência de encontro, que teve quando ainda não era crente, mas já adulta, conquistou-a tal como a Sulamita, aquela mulher apaixonada, do Cântico dos Cânticos. A partir desse momento, não encontrou nada mais belo, mais fascinante, mais maravilhoso do que esse Deus que a veio procurar na sua casa, no seu coração, e a fez vibrar de amor.

Marina é veneziana, licenciada Cum Laude em literatura moderna, com doutoramento em italianística na Universidade de Veneza e pós-doutoramento na Universidade de Pádua. Estudou Teologia e Exegese Bíblica no Instituto Teológico de Verona e é membro do CTI (Coordenadora Italiana de Teólogas). Trabalhou desde 2009 com o Padre Ernes Ronchi preparando os comentários sobre o Evangelho para a RAI até 2015 e depois escrevendo inúmeros livros de reflexão sobre os Evangelhos e outros de natureza bíblico-espiritual-poética, sempre a partir da brevidade, da simplicidade e da profundidade. O campo a que tem dedicado mais tempo nos seus voluntariados nos últimos anos é a Laudato si, os cursos de uma associação que fundou com o Padre Ronchi denominada Associação de Promoção Social Casa de Itinerários e Ecologia Integral e como docente universitária, onde transformou os seus cursos de literatura italiana em cursos de literatura e ecologia integral.

Marina é mãe de um filho e de uma filha que a abençoaram com 5 netos. Vive numa aldeia nas colinas de Vicenza com um gato muito carinhoso que a acompanha noutra das suas paixões, o cultivo de uma horta e de um pequeno jardim cheio de flores.

Obrigado, Marina pela tua presença e por nos dedicares toda esta semana do teu precioso tempo!

Clarita e Edgardo Bernal

16.Julho.2024



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

16/Jul/2024 (3ª feira) - Fragilidade

Lc 24,15-18: E aconteceu que, enquanto eles conversavam e debatiam, o próprio Jesus, aproximando-se, pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes, então: “Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?”. Pararam com ar pesaroso. Um deles, de nome Cléofas, respondendo disse-lhe: “Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?”

Introdução

Bom dia, caríssimos e caríssimas, bom dia a todos!

Pensem na sorte que temos de estar aqui. Que grande privilégio é poder passar alguns dias sem pensar em outra coisa que não seja mergulhar no Evangelho: entrar profundamente na Palavra de Deus.

Lá fora há um mundo frenético que corre. Alguns para o trabalho, outros para as férias, outros para as tarefas constantes... numa busca contínua de um tempo fugaz, de uma felicidade que não é alcançada...

Por alguns dias vamos parar o tempo aqui. Viveremos num tempo dilatado. Não vamos ter pressa, não vamos ter ansiedade. Não vamos andar para a frente, mas vamos descer para dentro, em profundidade. Ficaremos sentados numa cadeira, mas faremos uma viagem emocionante, cheia de descobertas. Uma exploração dentro do Evangelho e dentro de nós mesmos.

E sairemos transformados, porque o contacto com a Palavra do Senhor renova a vida.

Todos os dias nos serão oferecidos pedaços do Evangelho, alguns versículos, pequenas migalhas que apreciaremos com calma, para redescobrir quanta riqueza de sabores e aromas há num pedaço do Evangelho que saborearemos juntos.

Não tenho competência oficial para os conduzir neste caminho. Não sou sacerdote, nem freira, nem sequer uma biblista. E não sei por que fui escolhida pelos



talentosos e gentis organizadores deste magnífico encontro. Talvez porque sou uma apaixonada pelo Evangelho?

Só vos posso garantir isto: que cada palavra que vos direi está encarnada na minha vida, é a palavra do Evangelho posta à prova na minha vida, tanto nos seus momentos mais dolorosos como nos mais alegres.

A palavra do Evangelho é uma palavra que nunca me desiludiu, que me transformou e continua a transformar-me. Uma força de vida que sempre nos renova.

A tarefa que me foi confiada é exigente, requer não só que comente os versículos de Lucas relativos aos discípulos que vão para Emaús depois da paixão e morte de Jesus, mas também que os ligue à liturgia eucarística.

Por isso, todos os dias tentarei acompanhar-vos ao longo de três caminhos, que se entrelaçarão livremente, sem esquemas pré-estabelecidos e rígidos, porque não gosto de ser didática. O Evangelho é vida e a vida precisa de se mover livremente.

Os caminhos pelos quais caminharemos são estes:

- Reviver a experiência dos dois discípulos de Emaús, graças a uma narrativa que nos leva a identificarmo-nos com eles.
- Observar atentamente o comportamento de Jesus, quais as palavras e gestos que escolhe, o que nos querem dizer agora.
- Ligar as passagens do Evangelho à liturgia eucarística, às partes que a compõem.

O objetivo é viver uma experiência interior transformadora. Deixarmo-nos trabalhar pelas mãos do Senhor. Deixarmo-nos ser impelidos pelo sopro do seu Espírito para nos abriremos, para nos renovarmos.

Sentir que a sua palavra é para nós o que a primavera é para os prados, para os prados que de novo verdejam, germinam, florescem.

Fazer tudo ao mesmo tempo, aqui, com tanta gente, é algo absolutamente excepcional, que me emociona muitíssimo. Pensem: há aqui milhares de corações dispostos a deixarem-se emocionar pela Palavra de Deus.



Aqui, desejo a todos nós, com todo o meu carinho, que os nossos corações ardam, que Jesus nos possa reacender, reacender a chama da nossa fé. Basta pensar quanto calor podemos libertar todos juntos!

Comentário

Os dois de Emaús: os exegetas explicam que poderiam ter sido dois amigos ou talvez um casal. Caminho com eles e escuto a sua dor.

Não pensamos com suficiente frequência num facto que é a realidade básica da fé cristã: ela nasce de um trauma, o mais terrível alguma vez vivido pelos crentes de todas as religiões, a cruz.

O trauma inconcebível: Deus que se deixa matar. Juntamente com Jesus, morre na cruz o sonho de uma humanidade redimida, curada, um sonho de fraternidade e amor universal, o sonho dos sonhos. Uma grande causa, aniquilada em poucas horas de interrogatório, tortura e execução implacável.

Era uma pequena comunidade de discípulos e discípulas que tinha tomado forma em torno desse sonho, uma comunidade viva, embora não desprovida de incompreensões e conflitos.

Essas mulheres e esses homens tiveram de testemunhar a violação da sua esperança. Tinham testemunhado a violência desencadeada contra um homem inocente com olhos tão transparentes e bons como os de uma criança.

Um poder forte e arrogante cuspiu no rosto de Jesus, no rosto de um homem que mostrava a verdadeira face da humanidade.

E depois o sangue das suas doces mãos, os seus pés pregados na madeira, aquelas mãos que com tanto amor tinham sabido cuidar e acariciar, aqueles pés incansáveis sempre em movimento para trazer uma palavra de vida, um abraço de amor mesmo aos mais distantes e marginalizados.

Os amigos de Jesus têm tudo isto nos olhos e no coração: o horror e uma dor indescritíveis gravados na memória em letras de um vermelho sangue indelével. E sentem o vazio, temeroso como um abismo, da ausência de Jesus.

Atordoados, desorientados, assustados, os discípulos dispersam-se ou recolhem-se em si mesmos.



O espaço à sua volta encolheu, à medida dos seus medos e da sua decepção. Os vastos espaços a que os habituara o rabino da Galileia, que cavalgava terras e céus no dorso de um jumento, são apenas uma memória.

A geografia dos seus corações tornou-se subitamente apertada e, conseqüentemente, a sua compreensão da realidade também encolheu.

De um objetivo que parecia próximo, ao alcance – aquele reino de Deus prometido por Ele–vêm-se outra vez atirados para as profundezas incompreensíveis e obscuras daqueles que, tendo navegado em mar aberto com o entusiasmo da mais bela aventura, sentiram o barco desintegrar-se sob seus pés.

Os dois de Emaús são dois naufragos, dois destroços à deriva, já não têm uma rota para onde se dirigir. E sentem que as suas vidas já não têm sentido.

Tinham alimentado um sonho naqueles três anos com Jesus, que tinha feito voar alto os seus desejos. Aquele rabino de mãos calejadas, ao mesmo tempo simples e misterioso, tinha acendido neles aquele sonho maravilhoso: em vez desta nossa triste história, que parece repetir-se vezes sem conta - uma história de violência e opressão, de escravos e senhores - Jesus tinha-lhes aberto horizontes de novos céus e de novas terras.

Tinha prometido um reino de amor, um lugar onde o rosto de todos é tão límpido como o de uma criança e a mão não esconde nenhum punhal.

Uma humanidade curada, um jardim onde a vida floresce e amadurece, se doa, sem inimigos...

Aqueles que tinham seguido Jesus tinham acreditado n'Ele, porque O tinham visto em ação. Tinham visto doentes ser curados, pobres criaturas sofredoras, oprimidas no corpo e no espírito, retomarem o caminho de uma vida refeita de novo. Tinham visto prostitutas endurecidas no cinismo voltarem a chorar e a amar verdadeiramente. Tinham visto pecadores endurecidos, apropriadores de dinheiro, deixarem tudo e entregarem-se a uma missão perigosa, a do rabino da Galileia perseguido pelos fariseus. Tinham ouvido criminosos no cadafalso proferindo palavras de ternura... E os mortos voltarem à vida!

Tinham acreditado que aquele homem era divino, tão capaz que era de amar e de dar a vida: filho do homem e filho de Deus.



Mas depois, este homem-Deus, um profeta poderoso, que curava os moribundos e ressuscitava os mortos, tinha sido morto! Mãos humanas tinham-no atingido. Assim, simplesmente, como se golpeia qualquer outra pobre vida humana, da mesma forma Jesus foi torturado, ferido, chicoteado, morto.

O poder julgara-o um desperdício, um homem a ser eliminado.

Os discípulos tinham fugido, tinham tido medo, tudo era grande demais para eles e muito imprevisivelmente desconcertante.

O mundo desmoronou ao seu redor. O chão que lhes falta debaixo dos seus pés. Uma queda no desconhecido.

Não se passa ileso por um trauma dessa magnitude. Imagino os dois de Emaús em choque, caminhando juntos para dar um pouco de coragem um ao outro e preenchendo o silêncio com palavras, com histórias constantemente repetidas e com perguntas sem resposta, por medo do silêncio, por medo de ficarem sozinhos diante daquele vazio, daquele abismo.

Vinham de Jerusalém. Para longe, fugindo daquele lugar amaldiçoado! Para longe, abandonam ali os escombros do sonho, os castelos no ar!

Partir, regressar, encolher-se à medida do quotidiano, deixar-se levar pelos mesmos pequenos desejos de todos os dias: mais pão, menos esforço, um pouco mais de bem-estar... E talvez, quem sabe, esperar uma reviravolta política, mas nada mais.

Como é terrível a dor de perder sonhos. Como é terrível constatar que as esperanças não se realizam, que o amor morre.

Como é cruel o golpe nos nossos corações quando, pela enésima vez, vemos que foram a falta de amor, a arrogância, a injustiça que venceram.

Sentes-te perdido, sozinho. E gostarias de descarregar isso em alguém, de atacar um inimigo, mas percebes que a decepção, a derrota também é tua, tu mesmo te desiludes, tu mesmo te sentes um perdedor.

E sentes que não te amas a ti mesmo, que te desprezas, que te perguntas se a tua vida faz sentido.

Jesus entra nas nossas vidas em dias como este, enquanto caminhamos por sendas regressivas retornando a um Emaús que é para nós o lugar da desesperança, o lugar do desencanto, do chamado 'realismo'.



O lugar para onde vamos sabendo que lá nada de novo acontecerá e que teremos de aceitar o mundo tal como ele é e de nos conformar com ele e não sonhar mais.

Já não queremos levantar os olhos, olhar para cima, sonhar em grande, porque tudo desmoronou e desabou sobre nós.

A vida voltará à rotina habitual e mudaremos os nossos desejos para pequenas coisas, olharemos para baixo, para não nos sentirmos desesperados.

Os discípulos de Jesus: sinto que esses dois são semelhantes a mim.

Semelhantes, porque trilham os mesmos passos das minhas derrotas, das minhas desilusões, do meu desespero.

Semelhantes, porque descem pelos mesmos vales escuros, entram nas mesmas noites em que parece que não há sequer um fio de luz amigável para dar coragem. Apenas escuridão e tristeza, escuridão e medo. Nada mais.

E mal podes esperar para chegar a casa, para fechar a porta atrás de ti e defender-te da vida, dos seus ataques temíveis.

Mas algo acontece, um encontro inesperado e aparentemente casual. Ao longo do seu caminho para a decepção, os dois de Emaús encontram um estranho, alguém que nunca viram.

As primeiras palavras que Jesus pronuncia são uma pergunta: *Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?*

Sintam a delicadeza e também a ironia nesta pergunta de Jesus que finge não saber nada de nada, como se fosse um estranho que tivesse chegado sabe-se lá de onde. E a resposta dos dois, na verdade, é: *Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?* o que equivale a dizer: mas estás fora deste mundo?

Isto é curioso. Parece que Jesus adota uma espécie de ironia socrática, isto é, o método utilizado pelo filósofo Sócrates para fingir ser ignorante para pressionar o seu discípulo a explicar a sua própria opinião, para que ele pudesse perceber, por si mesmo, que a mesma era infundada.

Jesus não faz perguntas aleatórias. É o seu método, a sua pedagogia, fazer perguntas aos discípulos. Nos Evangelhos há umas 220 perguntas de Jesus.



“Um ditado hebraico diz-nos que, no princípio, Deus criou o ponto de interrogação e o colocou no coração do homem” (E. Ronchi).

No início da missão pública de Jesus, quando os primeiros discípulos começaram a segui-Lo, a sua primeira grande pergunta foi *Que procurais?* (Jo 1, 38) e é uma pergunta que Jesus também nos faz agora: O que procuramos? O que nos move? Qual é o meu desejo? O meu objetivo?

Porque esta é a força motriz de tudo, o que impulsiona a minha vida.

Agora, a caminho de Emaús, a questão é outra. Jesus pergunta: *Que palavras são essas que trocáis entre vós?* Ele quer escutar a sua interpretação dos factos, ouvir o que compreenderam sobre a sua vida e morte na cruz. Garantir que são questionados e que se abrem a uma nova e mais ampla compreensão dos acontecimentos.

A forma do ponto de interrogação lembra a de um anzol que o Evangelho coloca em nós para nos fisgar, para nos puxar para si, para nos ‘pescar’, para nos elevar para o ar e para a conversão.

“O grande escritor Rainer Maria Rilke nas suas Cartas a um Jovem Poeta exorta o seu interlocutor a ‘viver bem as perguntas’, a não correr imediatamente de porta em porta, de livro em livro, de professor em professor à procura de respostas. Amar as perguntas, deixando-as trabalhar dentro de si, como uma gestação” (E. Ronchi).

“Quando alguém tem resposta para todas as perguntas, demonstra que não está no bom caminho... Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa... Quem quer tudo claro e seguro, pretende dominar a transcendência de Deus” (GE 41).

Jesus aproxima-se dos discípulos começando por trazer um ponto de interrogação.

Lembremo-nos disto quando parece que temos a verdade no bolso. Porque Jesus incita sempre a que nos questionemos, a que duvidemos das nossas leituras redutoras. Jesus, homem e Deus, é um grande mistério que sempre nos surpreende.

“O próprio Jesus é uma pergunta. A sua vida e a sua morte desafiam-nos sobre o sentido último das coisas, questionam-nos sobre o que faz a vida feliz. E a resposta ainda é Ele” (E. Ronchi)

Como sairão os dois de Emaús desse desespero?

Será o impensável que os salvará, uma brecha de espanto e de novidade nas suas existências encolhidas, regressados à mera medida da realidade dos factos.



A irrupção do novo acontece no coração do trauma, de todos os nossos traumas.
Errar e levantar-

“Para o pessimismo basta a observação dos factos, para o otimismo é necessária a criatividade” (F. Mernissi).

E quem pode ser mais criativo do que Deus?

A ressurreição está sempre aí para nos dizer que não pode haver perda, angústia, decepção tão opressora e ardente que não possa ser superada pela criatividade do amor.

“É a notícia inesperada: há uma bênção escondida no nosso sofrimento. De alguma forma, no meio das nossas lágrimas há um dom escondido” (H. Nouwen).

A nossa dor às vezes procura o refúgio, lambe as feridas. Demos-lhe tempo para o fazer, para chorar, mas continuemos à escuta, permaneçamos abertos: o Senhor chama-nos.

Vinde, diz ele, vinde e Eu vos farei descobrir a luz nas trevas da perda, o infinito dentro do sepulcro das vossas esperanças.

Há um dom nas lágrimas.

Na Eucaristia, este imenso dom de Jesus, percorremos de novo o caminho de Emaús e encontramos-Lo. Porque é disto que a Eucaristia nos fala: da nossa vida. E não só fala disso, como cuida da vida dolorosa e ferida. Renova a vida, celebra-a, abençoa-a.

“Chegamos à Eucaristia com o coração partido por muitas perdas, as nossas e também as do mundo.” (H. Nouwen). Neste caminho acidentado voltamos a encontrá-lo.

Na Eucaristia recitamos: *Senhor, tende piedade*, uma confissão geral, comunitária.

Para interpretar o sentido deste ato penitencial preliminar, gosto de me referir ao grande poeta Dante.

A sua *Divina Comédia* é uma obra conhecida em todo o mundo, uma das maiores obras-primas do mundo. E como começa? Com um homem que caminha numa floresta escura, que não sabe para onde ir, que se sente perdido e que tem tanto medo: “No meio da viagem da nossa vida / encontrei-me numa floresta escura / porque se perdeu o caminho direto ...”.



Dante dá alguns passos para sair daquela terrível situação e eis que aparecem diante dele três feras prontas para o devorar: são a imagem do mal que está dentro e fora dele, na sua pessoa e na sociedade. Dante fica bloqueado, já não consegue continuar.

E quais são as primeiras palavras que Dante, paralisado pelo medo, pronuncia?
Piedade de mim: tende piedade de mim.

Estas palavras são um pedido de ajuda, não um sentimento de culpa, mortificado diante de um juiz, mas é pedir uma mão a um amigo, dizer-lhe: tira-me daqui, vê onde cheguei. É estar disposto a deixar-se ajudar e a deixar-se amar.

Senhor, tende piedade significa então: ajuda-me, eu não posso fazer isso sozinho. Dá-me a tua mão e leva-me para fora das minhas florestas escuras, das minhas crises. Renova-me, e comigo renova todos estes outros que estão agora aqui nesta igreja. Ajuda-nos a todos juntos. É “sentir Deus como uma pessoa viva que comunica com a nossa pessoa que vive” (Vannucci).

“Cristo vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Está em ti, está contigo e nunca te deixa. Por mais que te possas afastar, junto de ti está o Ressuscitado, que te chama e espera por ti para recomeçares. Quando te sentires envelhecido pela tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos, Jesus estará a teu lado para te devolver a força e a esperança” (Francisco, CV, 1-2).



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

17/Jul/2024 (4ª feira) - Iluminação

Lc 24,25-27: Então Ele disse-lhes: “Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?”. E, começando a partir de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que a Ele dizia respeito.

Comentário

Jesus convida os dois de Emaús para lerem com ele a sua história – aquela história que aparentemente terminou em fracasso, a cruz – num quadro mais amplo. Somos pequenos e as nossas vidas são curtas, mas há um infinito e um eterno que os contém e lhes dá um significado especial e indelével.

Jesus explica aos dois de Emaús que a derrota, a perda, o trauma e a morte são inevitáveis, mas que não destroem nada definitivamente. Infelizmente existem e temos de lidar com eles todos os dias, mas eles não têm a última palavra, a verdade das coisas não está neles.

Magoam-nos, derrubam-nos, prostram-nos, mas não podem destruir a promessa de amor, de luz, de verdade, de vida que Deus nos veio dar.

Há pessoas que preferem agarrar-se à sua dor em vez de correr o risco de ainda ter esperança.

Há momentos em que preferimos anestesiar o coração e não sentir mais nada, em vez de correr o risco de sermos novamente feridos pela vida.

Sonhámos com um amor, um casamento perfeito, um filho perfeito, um emprego gratificante, uma vida plena e a vida traiu-nos, o sonho partiu-se, rebentou como uma bolha de sabão.

Sonhámos com um mundo novo, muitos de nós sonhámos com isso e trabalhámos para a sua construção no estaleiro de obras do sonho da paz e da justiça - o sonho de Deus - mas tudo desmoronou e esse trabalho longo e cansativo parece-nos ter sido completamente inútil.



Então voltámos a cultivar o campo doméstico, fechámo-nos lá dentro, naquele recinto, sozinhos, e não queremos ver mais nada.

Os nossos olhos, por vezes, estão tão turvos pela tristeza que não reconhecemos Jesus, não ouvimos a sua voz, não O vemos nos nossos dias.

A vida oferece-nos sinais: gestos de amigos, palavras, encontros, pequenos factos que poderiam abrir fendas de luz, mas não os compreendemos, não queremos agarrá-los porque estamos comprometidos com a nossa dor, com a nossa tristeza, com o nosso ressentimento.

Jesus que explica as escrituras ao longo do caminho “é um chamamento ao despertar, é um arrancar das vendas dos olhos, uma demolição de inúteis dispositivos de proteção. Ele teve que dizer aos discípulos que eram ‘desprovidos de inteligência’ para os fazer ver. E qual é o desafio? Ter confiança. Confiar no plano maior das coisas, ir além dos sofrimentos do momento, para os ver como parte de um processo de cura muito maior” (Nouwen)

“As coisas que se desmoronam são uma espécie de provação e também uma espécie de cura. Pensamos que o objetivo seja passar na prova ou superar o problema, mas a verdade é que as coisas não estão verdadeiramente resolvidas. Reúnem-se e depois desmoronam-se. Em seguida, reúnem-se novamente e de novo se desmoronam. É assim que funciona. A cura vem quando é deixado espaço para que tudo isso aconteça: espaço para a dor, o alívio, o sofrimento, a alegria. Quando há uma grande desilusão, não sabemos se esse será o fim da história. Pode ser também o início de uma grande aventura” (Chödrön).

A alegria dada pela fé adapta-se e transforma-se nas diferentes fases da vida. Mesmo nas dificuldades mais graves, “mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança. Mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados” (Francisco, EG, 6).

Jesus faz isto por nós, faz-nos sentir amados. E quando nos sentimos amados, descobrimos quanta beleza está escondida numa vida de amoroso serviço aos outros. Jesus abre as janelas e nós respiramos ar puro.

A grande inteligência pedagógica de Jesus é ajudar-nos, com as suas interrogações e com a sua vida, que se realiza nas Escrituras, a abrir as janelas da nossa mente e



submeter a constantes revisões o nosso modo de ver a vida e de reagir ao mundo. Por outras palavras, ensina-nos a verdadeira sabedoria.

Jesus é um mestre da existência. Jesus, “o mestre da escola da existência, não estava muito preocupado em corrigir comportamentos exteriores, mas em estimular as pessoas a pensar e expandir a sua compreensão dos horizontes da vida” (Cury).

Jesus explica a Palavra aos dois discípulos ao longo do caminho e ilumina os dois caminhantes, inicialmente confusos e agora atentos. E convida-os a lembrar, a recordar.

Os dois de Emaús são como nós, pessoas incertas, frágeis e com dúvidas, a quem Alguém acendeu o coração. E Jesus recorda-lhes isso.

N’Ele tinham encontrado amor, alguém que sabia amá-los como ninguém mais os poderia ter amado. E este Alguém não só os amou e fez com que se sentissem únicos, como também foi capaz de alargar os seus corações de uma maneira que eles nunca tinham experimentado.

Amando-os, tornou-os semelhantes a Ele, mais capazes de amar, mais livres para se libertarem, para saírem dos estreitos limites dos seus pequenos eus.

Lá fora, tinham experimentado uma liberdade desconhecida, respirado uma beleza espantosa, vivido uma alegria inebriante.

As suas vidas tinham sido alimentadas, os seus corações cheios daquela paz de Deus que permanece mesmo no meio dos espinhos da vida.

Atrás dos passos de Jesus nas estradas e nos caminhos da Palestina, os discípulos e as discípulas sentiram-se livres das amarras do medo. Com as suas palavras e gestos, Jesus contagiou-os de amor por tudo o que vive neste mundo, até pelo que lhes parecia repugnante, os doentes, os rejeitados, os desordeiros, os moribundos.

E fez que fossem como crianças, ensinou-os a apreciar a beleza de uma flor, o voo de um pássaro. Aprenderam com ele a alegria das coisas simples, a sentir prazer num gole de vinho e num pedaço de pão e a sentir que não precisavam de mais nada.

E quando não havia pão, alguns grãos crus de uma espiga de trigo - recolhidos de um campo e comidos sorrindo com ele e com os seus amigos – também eram suficientes para poder dizer:



Aqui já está tudo, não preciso de mais nada; mesmo que morresse agora, ficaria feliz porque nesta liberdade, nesta fraternidade, neste dar e receber amor, nesta alegria de estarmos juntos no pouco, é esta a plenitude da vida, e eu experimentei-a.

Jesus pede aos dois a caminho de Emaús que olhem para a dura realidade da cruz com um novo olhar. Ao morrer dessa morte, mostrou-lhes um caminho: o caminho da doação, do amor prestativo que ajuda todos na sua plena realização.

Quanto necessitamos destas palavras do Evangelho todos os dias, diante das nossas pequenas e grandes perdas e lutos, diante das grandes derrotas sociais e políticas: guerras - barbárie desumana a banir da face da terra, que, ao invés, ainda são usadas para resolver conflitos -; a opressão dos mais fracos, o egoísmo de massa que procura privilégios e descarta as pessoas como se fossem desperdício...

Hoje, o mundo parece para muitos ser um mundo à deriva, um navio que em breve encalhará e naufragará.

Demasiado ódio, demasiadas injustiças, demasiada violência, demasiada vergonhosa disparidade entre os gordos anfitriões e os macilentos Lázarus dos povos, demasiadas mortes inocentes nos nossos mares, nos desertos, demasiada fúria na terra, na mãe terra que nos alimenta...

Há hoje o suficiente para todos nos sintamos como aqueles dois de Emaús.

Os meus estudantes jovens perguntam-me, com caras tristes: já não há futuro? E estremeço ao ouvir jovens de vinte anos dizerem isto e penso em Jesus: sim, há futuro!

O futuro é ele, a sua promessa!

Na Eucaristia, a liturgia da Palavra é-nos oferecida como dom, para que a nossa memória seja “transbordante das maravilhas de Deus” (Francisco, EG 142).

O que as Escrituras dizem fala-nos intimamente, tem a ver com a nossa vida de uma forma muito profunda. Em tudo o que vivemos, Jesus está connosco, pelo que também a nossa vida quotidiana é história sagrada.

Fazemos parte do grande rio da história sagrada, o mesmo rio em que navegaram as vidas de Moisés e dos profetas, de Maria e de José.

As nossas histórias são histórias sagradas: as histórias de Deus que caminha connosco.



Se pararmos para pensar, sentimos um grande espanto:

Somos uma página da história sagrada, as Escrituras estão vivas, cumprem-se hoje nas nossas vidas.

Tentem também vocês de dizer comigo, todos juntos: *eu sou uma página da história sagrada*, Deus escreve-a através de nós, os seus instrumentos.

Jesus vive e “isso é uma garantia de que o bem pode triunfar na nossa vida e de que as nossas fadigas servirão para qualquer coisa. Então podemos deixar de nos lamentar e podemos olhar em frente, porque com Ele é possível sempre olhar em frente. Esta é a certeza que temos” (Francisco, CV 127).

“O mal não tem a última palavra” (Francisco, CV 126).

É Jesus quem no-lo ensina. Ele mesmo viveu em primeira mão a dor, o medo, o sentimento de abandono na noite no Getsémani e na cruz. Ela chorou lágrimas e seu sangue.

Mas “quando a última folha de Inverno caiu, quando tudo parecia perdido e só havia espaço para lágrimas e desespero, Cristo levantou os olhos e viu as flores da Primavera escondidas entre os ramos secos da vida. Ao contrário de Cristo, abandonamos os nossos objetivos, os planos e os sonhos aos primeiros sinais de dificuldade. Devemos aprender com ele a olhar para cima, a olhar para além das dificuldades, dos sofrimentos, das derrotas, das perdas, e compreender que os Invernos mais rigorosos podem ser um prelúdio para Primaveras mais radiantes” (Cury).

Para além do visível, para além dos factos da minha vida e das notícias que nos dão os telejornais, há um outro acontecer dentro do real e é muito mais profundo. Uma filigrana de luz sob a trama dos meus dias e da história da humanidade.

“Recordo-te a boa notícia que nos deu a manhã da Ressurreição, ou seja, que, em todas as situações escuras ou dolorosas mencionadas, há uma via de saída” (Francisco, CV, 104).

E cada vez que nos sentirmos abatidos, desiludidos, recordemo-nos de que Deus é amor, repitamos “a primeira verdade: *‘Deus ama-te’*. Mesmo que já o tenhas ouvido – não importa! –, quero recordar-to: Deus ama-te. Nunca duvides disto na tua vida, aconteça o que acontecer. Em toda e qualquer circunstância, és infinitamente amado” (Francisco, CV, 112).



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

18/Jul/2024 (5ª feira) - Oferta

Lc 24,28-29: Aproximaram-se da povoação para onde iam, e Ele fez menção de seguir adiante, mas eles insistiram com Ele, dizendo: “Fica connosco, porque é tarde e o dia já está a declinar”. Entrou, então, para permanecer com eles.

Comentário

Jesus age ‘como se’ tivesse de ir para outro lugar, sozinho, em direção à noite.

Assim como antes tinha fingido não saber de nada, agora finge querer deixar os discípulos. Isto também faz parte de sua pedagogia inteligente. Recordemos que os discípulos ainda o vêem como um ‘estranho’, que ainda não o reconheceram.

Jesus não se impõe. Está à espera de um gesto, de um convite.

E o convite chega e é expresso insistentemente e com palavras calorosas de humanidade: *mas eles insistiram com Ele, dizendo: “Fica connosco, porque é tarde e o dia já está a declinar”*, o que equivale a dizer: não queremos que andes sozinho, na escuridão da noite, entre os perigos e as dificuldades da estrada, vem connosco, vamos receber-te em nossa casa, vamos abrir-te a porta porque confiamos em ti. Partilharemos o jantar, poderás descansar, passar uma noite tranquila. Foi tão bom estarmos juntos ao longo desta estrada; já não és um estranho para nós, mas um amigo!

E nos discípulos há também o desejo de retribuir: este estranho deu-lhes palavras que os reinflamaram, deu-lhes alimento para a mente, nutriu-lhes o coração, quando tinham falta de ideias e fome de proximidade.

Querem retribuir com o que têm, com o que podem dar: um pouco de companhia, uma refeição juntos, um lugar seguro para dormir.

Imagino o coração feliz de Jesus, a alegria de se sentir acolhido e, assim, poder ter mais tempo para se doar aos discípulos. E sobretudo a alegria de descobrir que as sementes lançadas nos seus corações tinham germinado: os dois de Emaús demonstram com as suas palavras hospitaleiras que compreenderam o coração da



mensagem de Jesus: ama o teu próximo, ajuda-o na necessidade, partilha o que tens, abre o teu coração, olha para o estranho como quem olha para um amigo.

Lembremo-nos de que “a única grandeza do homem se baseia no amor ao próximo” (Boros).

Ao mostrar hospitalidade para com o estranho, quando ainda não reconheceram Jesus n'Ele, os discípulos põem em prática o que São Paulo recomenda na Carta aos Hebreus: “Que permaneça o amor fraterno! Não vos esqueçais da hospitalidade, pois foi graças a ela que alguns, sem o saberem, hospedaram anjos” (*Hebreus 13:1-2*).

É algo para recordar sempre. Estas palavras de Paulo causam arrepios se pensarmos nos estranhos que rejeitamos.

É a partir daqui, da hospitalidade para com todos e também para com as partes obscuras, escondidas dentro de nós, para as trevas e a sujidade que há em nós, que Jesus sabe acariciar com a sua ternura, abraçar com a sua misericórdia.

Também faço notar um outro aspeto na passagem do evangelho de hoje: são os discípulos que dão a Jesus e é Ele que recebe deles o dom da hospitalidade.

Nos Evangelhos, Jesus coloca-se repetidamente na posição de alguém que precisa de ajuda: recordo o pedido de água fresca à mulher samaritana junto ao poço e o pedido da companhia dos discípulos durante a noite da paixão no Jardim das Oliveiras...

Jesus deseja a nossa amizade, o nosso amor, a nossa ajuda.

Como teria sobrevivido o recém-nascido Jesus se não se tivesse confiado às mãos inexperientes da menina que o deu à luz? Indefeso, vulnerável, dependia totalmente do amor corajoso da sua jovem mãe e da consciência honesta e terna de José.

Deus é um pai que promete a salvação, mas vem como filho e pede-nos que O acolhamos nos nossos braços, que O alimentemos e acariciemos.

Deus precisa de nós.

Este é o maior mistério e talvez o mais difícil de aceitar: Deus que se aninha nos meus braços, que me pede cuidado e leite para crescer no mundo.



“Ele depende de nós para amar o mundo e demonstrar-lhe o muito que o ama” (Madre Teresa de Calcutá). “Em última análise, é Cristo que ama em nós” (Francisco, GE, 107 e 21).

Também nós podemos oferecer hospitalidade a Deus, dizer-lhe: vem à minha casa, ficarei feliz por te ter por perto; vou partilhar contigo o que tenho, vou falar-te de mim e vou escutar o que tens para me dizer. Serás o meu amigo mais íntimo. Vem, precisamos de nos abraçar um ao outro!

Em todas as nossas orações e Eucaristias, lembremo-nos de renovar este convite: abro-Te o meu coração, vem! Aqui há espaço para Ti, vem! No meu coração vai uma grande confusão, eu sei, mas Tu amas-me, vem!

Este tornarmo-nos hospitaleiro, abrir espaço dentro de nós para Deus, com menos constrangimento no coração para O acolher, é talvez a coisa mais importante que podemos fazer. Porque tudo começa aí, em dar-lhe o espaço e liberdade para agir em nós.

Podemos ligar este gesto hospitaleiro de oferta dos dois de Emaús a outros dois momentos da Missa: a profissão de fé do Credo e a oferta de dons. Ao dizer *eu creio*, digo que *confio*, que Te quero comigo e que Te ofereço o que tenho.

“Talvez não estejamos habituados a pensar na Eucaristia como um convite a Jesus para ficar connosco. Estamos mais inclinados a pensar em Jesus convidando-nos para a sua casa, para a sua mesa, para a sua refeição. Mas Jesus quer ser convidado. Sem convite, seguirá para outros lugares. É muito importante perceber que Jesus nunca se nos impõe. Enquanto não o convidarmos, continuará sempre a ser um estranho... O *Credo* é o grande sim: Sim, confiamos em Ti...” (Nouwen).

E agora, como ainda temos alguns minutos, já que hoje chegamos a meio da nossa jornada, o terceiro dia, proponho que recapitulemos os passos que demos no percurso dos dois discípulos nos últimos dias, observando as reviravoltas narrativas da passagem do Evangelho de Lucas escolhida para este Encontro. É um exercício, creio eu, que nos reserva surpresas esclarecedoras.

Até agora lemos três sequências narrativas, uma por dia.

Se observarmos com atenção, percebemos que cada uma dessas sequências é aberta, ou seja, o seu desfecho não é óbvio, mas depende das livres escolhas dos protagonistas.



Tomemos a primeira sequência, que lemos na terça-feira: os dois discípulos discutem pelo caminho, Jesus aproxima-se sem ser reconhecido e faz uma pergunta, à qual os dois respondem.

Jesus faz a pergunta: “*Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?*” O que se segue a esta pergunta não é nada óbvio. Pensemos nisto por um momento: os discípulos tinham várias opções. Diante do encontro com o estranho e perante a sua pergunta, havia muitas possibilidades de reação. Poderiam, por exemplo,

- ter-se irritado com aquele estranho, sentindo-o como um intruso invasor (lembremo-nos que estavam tristes e totalmente envolvidos nos seus próprios assuntos, fechados nos seus próprios problemas). Para o afastar do caminho poderiam,
- ter respondido rudemente (o que é que isso Te interessa? São coisas nossas) ou gentilmente (desculpe, não temos tempo, estamos com pressa),
- ou nem responder, apenas lançar-lhe um olhar irritado, mudarem-se para o outro lado da estrada e acelerar o passo.

Os discípulos fazem uma escolha diferente: deixam-se surpreender pela pergunta impertinente daquele homem que parece ‘fora deste mundo’ e decidem que vale a pena falar com ele. Jesus lança-lhes a bola e os discípulos não a deixam cair, mas devolvem-na. Este é um facto decisivo porque, uma vez que os discípulos estão a caminho, para falar com Ele devem acolhê-lo como companheiro de viagem.

Vejam agora a terceira sequência, que ouvimos hoje: a noite aproxima-se, os discípulos convidam Jesus a ficar com eles e Jesus aceita. Também aqui vemos os discípulos numa encruzilhada da história: não era certo que decidissem acolhê-lo. Depois de um agradável passeio com aquele estranho que era tão fascinante de escutar, poderiam ter-se despedido dele educadamente, agradecido muito o que lhes tinha explicado, desejando-lhe uma boa continuação da viagem e uma boa noite. Assim, nunca o teriam reconhecido, os seus caminhos teriam divergido e a história teria terminado aí.

Vejam bem, estou a sugerir que leiam o evangelho como se fosse um ‘livro de encruzilhadas’ ou um livro de jogos, daquelas histórias que têm várias alternativas possíveis que o leitor pode escolher, identificando-se com um personagem. As suas escolhas condicionam o desenvolvimento da trama, levando a múltiplos finais. São livros que podemos agrupar sob a fórmula: ‘Escolha a sua aventura’.



Ao identificarmo-nos com o relato de Lucas, também nós podemos ‘escolher a nossa aventura’. Vemos que em cada ‘encruzilhada’ os discípulos escolhem envolver-se, optando livremente pela alternativa mais desafiadora, que é também a mais criativa porque produz um novo segmento de narração que tem uma importante função transformadora na vida dos discípulos:

- tê-lo acolhido como companheiro de viagem permite-lhes escutar as explicações das Escrituras feitas por Jesus e sentir o coração arder;
- tê-lo acolhido à sua mesa como convidado permite que os discípulos O reconheçam.

Parar para pensar sobre isso é esclarecedor. Faz-nos compreender como a nossa vida tem sempre um final em aberto e como podemos, através de escolhas generosas e criativas, mudar o final, avançar para o final mais bonito.

Numa palavra: as situações, os encontros que a vida nos oferece são oportunidades para crescer na consciência, no amor e na liberdade, como Jesus quer que façamos.

Somos livres para aproveitar ou não as oportunidades e para as desperdiçar ou para as transformar em oportunidades de crescimento.

Penso que cada um de vós teria muitos testemunhos a dar sobre isso. Vou dar-vos um pequeno exemplo.

Enquanto escrevia este comentário, em Janeiro, estava em casa e um homem bateu à minha porta, um estrangeiro, um magrebino, que aparece de vez em quando. Chama-se Khalid e carrega uma sacola contendo meias, tops e pequenos tapetes para vender. A minha primeira reação ao vê-lo - sem ser vista - da janela, foi pensar: vou fingir que não estou em casa, tenho tanta coisa para fazer! Dentro de sete dias expira o prazo para a entrega do comentário para o Encontro das ENS e Khalid é um tagarela que nunca mais pára!

Então outra vizinha dentro de mim disse: mas não o podes mandar embora!!! Ele vai ter frio, abre a porta e oferece-lhe um chá quente!

Escutei a voz número dois, mas com relutância, porque quando paro de escrever é difícil voltar a concentrar-me e fico ansiosa por não conseguir cumprir os prazos. Entre todas as providências mágicas que tenho de fazer para dar ao mesmo tempo resposta ao meu trabalho na universidade, ao compromisso com a evangelização e



ao de uma avó de quatro netos, torna-se um problema mesmo que seja apenas meia hora de trabalho que se perde...

Eu abri a porta a Khalid. Sentámo-nos à mesa e passou mais de uma hora até que ele se fosse embora. Aquela hora voou, nem percebi que tinha passado.

Khalid, bebendo calmamente o seu chá quente, sem nenhuma pressa, como se não se tivesse apercebido da minha ansiedade, falou-me sobre a sua religião. Não sei por que a conversa caiu imediatamente para esse tema. Ele disse-me que, de acordo com o Islão, naquele exato momento estava a dar-me um presente. Eu não compreendi. Khalid continuou: Sim, estou a dar-lhe um grande presente, porque estou a dar-lhe a oportunidade de se tornar melhor, como Alá deseja que façamos. Se eu não tivesse vindo, não teria tido a oportunidade de ser hospitaleira para com alguém e o seu coração teria ficado mais fechado e Alá não gosta disso. Mas o seu Deus também não gosta disso. Porque, nesta questão, estou convencido de que o seu Deus e o meu Deus pensam da mesma maneira.

Que grande ensinamento! Quantas vezes descobri pérolas de sabedoria que me iluminaram nas palavras dos pobres, dos estrangeiros, dos crentes de outras religiões, dos incultos, naqueles que são diferentes de mim.

Se os escutarem, isso permitirá que olhem para as coisas numa outra perspetiva e isso pode ser esclarecedor e permitir que façam a melhor escolha na próxima encruzilhada neste jogo emocionante e difícil que é a vida.

“O nosso destino como cristãos: dar e mendigar. Dar o presente para que os outros nos possam dar alguma coisa. Deus quer que mendiguemos aos outros. Exige de nós que a nossa humildade assuma a forma de um mendigo. Em todas as situações da vida” (Boros).



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

19/Jul/2024 (6ª feira) - Comunhão

Lc 24,30-32: E aconteceu que, quando Ele se reclinou com eles à mesa, tomando o pão, pronunciou a bênção e, partindo-o, deu-lho. Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no, mas Ele deixou de lhes ser visível. Diziam, então, um ao outro: “Não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos abria as Escrituras?”

Comentário

Chegamos aqui ao momento mais alto da nossa jornada seguindo os passos dos nossos dois amigos. Chegámos a Emaús, os discípulos estão felizes com aquele misterioso estranho que parecia nada saber sobre os acontecimentos atuais, mas que na realidade sabe mais do que ninguém, porque conhece a dinâmica profunda dos acontecimentos.

Vemo-los todos sentados à mesa e, de repente, a história toma um rumo inesperado para os dois discípulos que convidaram Jesus para jantar com eles. Os papéis invertem-se: agora já não são eles que oferecem algo a Jesus, mas é Jesus quem lhes dá o pão.

E não é só isso: esta inversão permite abrir os olhos dos discípulos, que até então estavam como cegos: tinham falado com Jesus, caminhavam com Ele há muito tempo, tinham-no ouvido interpretar a Bíblia, mas ainda não o tinham reconhecido.

Parece impossível: perguntamo-nos como não poderiam eles ter compreendido antes que era Jesus, mas aqui o evangelista Lucas usa uma estratégia narrativa, que usa para nos fazer compreender esta história na sua totalidade.

Esta estratégia é chamada de história de agnição (narrativa de reconhecimento, de uma palavra grega antiga). Tem sido amplamente utilizada na literatura desde a antiguidade e já Aristóteles falava dela, definindo-a como “uma passagem da ignorância para o conhecimento acompanhada de reversão” (*Poética*).



O primeiro aspeto da história de agnição é uma ausência, a perda de um ente querido que causa tanto sofrimento. O sofrimento está na base do caminho que, graças a sinais, intuições, memórias ou testemunhos, levará ao reconhecimento.

O reconhecimento - é importante ressaltar - não é apenas o do ente querido que finalmente é reencontrado, mas também significa a compreensão do que essa pessoa representa.

Pensemos em Ulisses, que retorna a Ítaca vestido de trapos, como um mendigo e que no princípio ninguém reconhece, exceto seu cão, que no entanto não pode falar. A primeira pessoa a reconhecê-lo será uma mulher humilde que faz parte dos criados do palácio, a ama de Ulisses. O sinal que permite à ama reconhecê-lo é uma cicatriz que Ulisses tem no corpo, uma marca indelével e única.

Na nossa passagem do Evangelho, os discípulos precisam que Jesus parta o pão para que os véus caiam dos seus olhos, para que o reconhecimento aconteça.

A fração do pão é o sinal indelével de Jesus e a marca que o distingue.

Ao dar-se a si mesmo, tornando-se pão para todos e convidando os outros a fazerem o mesmo é algo que está gravado nele tal como uma cicatriz: um sinal inconfundível.

Só ele parte o pão assim e esse gesto resume a sua vida.

Os discípulos agora *vêm* e *vêm* Jesus *vivo*. O tema da cegueira é recorrente e importante nos Evangelhos.

E acontece também na literatura. As mais elevadas páginas literárias ensinam-nos precisamente isto: tirar as vendas dos olhos, deixar de ser cegos aos nossos próprios defeitos e às virtudes dos outros, abrir bem os olhos à verdade.

“Mas afinal todas as boas histórias, de uma forma ou de outra, giram em torno de ver”: personagens deslumbradas pelos desejos que as obcecaram, por exemplo, mas também “a cegueira como fulcro da opressão social. A verdade é que na vida real, mais até do que nos livros, somos escravos das ilusões e dos preconceitos, das coisas que queremos ver e escutar. Não é a cegueira em relação aos outros a fonte de todo o mal no mundo real? Se os senhores de escravos os tivessem visto pelo que eram – seres humanos como eles próprios – teriam sido capazes de infligir tamanha crueldade?” (Nafisi).



Abriram-se-lhes os olhos, escreve Lucas sobre os discípulos, e Dante na floresta escura diz: *encontrei-me*: é um despertar.

“O testemunho de Jesus da presença de Deus indica a modalidade de um despertar graças ao qual entramos em contacto com Aquele que não abandona ninguém... Não adianta perguntar onde está Deus e como nos pode ajudar. Não é Deus que está longe, foi o homem que adormeceu, que está ausente e desintegrado, perdido em si mesmo” (Mancini).

O evangelista Lucas conta-nos que os olhos dos discípulos se abriram no preciso momento em que Jesus partiu o pão e o partilhou.

Só então compreenderam o significado do outro sinal que tinham recebido: o ardor do coração enquanto Jesus interpretava as Escrituras ao longo do caminho.

Só agora são capazes de ligar um sinal ao outro.

Estes versículos sobre o reconhecimento de Jesus têm uma força extraordinária: em muito poucas palavras encerram um processo fundamental de fé.

Quando reconhecemos Deus nas nossas vidas - através de uma intuição, de uma experiência, de uma palavra lida ou escutada - tornamo-nos capazes de ligar os sinais da presença de Deus que tínhamos recebido ao longo do tempo, mas que ainda não tínhamos compreendido antes.

Vamos tentar pensar naquele jogo a que as crianças brincam: há uma folha de papel com muitos pontos dispersos e quando olhamos para eles só vemos um grupo de pontos que não fazem nenhum sentido.

No entanto, quando a criança pega num lápis e desenha linhas que ligam os pontos uns aos outros, revela-se uma forma, um desenho, por exemplo a forma de um animal ou de uma casa e é como um reconhecimento: o desenho já estava no papel, mas os olhos da criança não o conseguiam ver antes.

Os discípulos vêem Jesus partir e oferecer pão, ligam os pontos e finalmente compreendem. Eis que aparece um desenho, já não há a confusão anterior.

E qual é o desenho que aparece?

“O símbolo central da nova visão da vida, o reino de Deus, é uma comunidade reunida numa refeição festiva, onde o pão que sustenta a vida e a alegria que sustenta o espírito são partilhados com todos” (McFague)



“Uma comunhão com Deus é uma comunhão com a terra e uma comunhão com Deus através da terra” (P. Teilhard de Chardin, citado em McFague)

“O mistério cristão é mistério de comunhão” (Vannucci)

“Não a santidade dos eleitos, mas a plenitude de todos” (Schüssler in Sally 82).

A Eucaristia: um tema tão profundo e vasto... Quando comecei a refletir nisto, senti que era como uma enorme tapeçaria de muitas cores. Segues um fio e encontras um nó que te liga a outro fio e depois encontras outro nó e ainda outro fio, e assim a trama alarga-se, alarga-se, torna-se muito vasta, e percebes que aquela tapeçaria inclui todo o Evangelho.

A Eucaristia, símbolo total, contém todo o anúncio de Jesus. Por isso é grande a sensação de espanto e de admiração que suscita. A emoção de um mistério tão profundo, tão enraizado na vida, que se eu cavar encontro ainda mais profundidade e depois outra vez e outra vez...

Mas acontece que tudo que dura muito e que repetimos com frequência tende a perder a carga emocional. O espanto e a sensação de mistério desaparecem e a rotina assume o controlo.

Isto é normal; está na ordem das coisas que aquilo que está imerso no tempo se turva com o passar dos anos. Acontece até aos eventos mais belos e preciosos.

Acontece como com a prata, que oxida com o tempo. O brilho ainda está lá, mas permaneceu por baixo, coberto pelos sedimentos e pelos processos do tempo.

Isto também se aplica à Eucaristia.

Acontece que o tempo, a repetição, transforma o gesto sagrado em *rotina* para nós, esvazia-o de mistério, turva o nosso espanto. As pessoas podem entrar na missa sem sentir espanto ou alegria e sair sem sentir o coração a arder, sem ter reconhecido Jesus vivo no meio delas.

Então temos de fazer como com a prata: polir.

Quando Jesus falava aos discípulos sobre comer o seu corpo e beber o seu sangue, todos tremeram. Era inédito e chocante. Alguns discípulos partiram, desapontados e infelizes por terem perdido tempo a acompanhar aquele Galileu excêntrico e louco.



Para nós, porém, a Eucaristia já não é algo inédito. Não a consideramos chocante. Ao longo do tempo foi domesticada, tornou-se o que não era no início: um ato de culto externo separado da vida quando deveria ser uma experiência que transforma as nossas vidas.

Libertemos a Eucaristia da pátina opaca. Vamos redescobrir o seu coração que bate.

Estive na Grécia. Uma das primeiras palavras que se aprende quando se vai lá, ao alcance até do turista menos capaz de conviver com idiomas, é *efkaristíes*. Ouve-se o tempo todo e aprende-se de bom grado, porque é uma palavra útil.

Em grego, *muito obrigado* ainda é dito com a mesma palavra com que a Igreja designa a Ceia do Senhor. E é uma palavra que está na boca de todos, crentes e não crentes, todos os dias. Uma palavra que tem gosto de casa, uma palavra da língua materna.

É pena que em italiano não seja assim. Quando a igreja usa uma palavra que não está presente na linguagem da vida quotidiana, essa palavra especializa-se apenas para esse uso religioso, o único em que tem um significado. Aconteceu assim que a palavra Eucaristia parece não ter nada a ver com a vida quotidiana.

Mas, em vez disso, o que é mais imerso na vida e mais familiar, espontâneo, natural do que um *obrigado*?

Dizemos *obrigado* muitas vezes ao dia, e fazemo-lo porque somos seres que têm necessidades, seres dependentes que recebem continuamente: de outros seres humanos e da natureza, do ar, da água, do sol, dos animais e das plantas... Se não recebêssemos continuamente, não poderíamos permanecer vivos.

A palavra italiana *grazie* (*obrigado*), mesmo que não tenha qualquer ligação com a palavra *Eucaristia*, mantém, no entanto, uma ligação muito clara com a palavra *grátis*. A Eucaristia é um *obrigado* por qualquer coisa que recebemos *gratuitamente*, é, portanto, um dom, *um dom em resposta à nossa necessidade*.

Não sei é se isto está claro para todas as pessoas que vão à missa. Temo que para alguns (ou muitos, não sei) a participação na Eucaristia não seja sentida como um dom para as nossas necessidades, mas, pelo contrário, como um pedido que Deus nos faz. Assume, portanto, o sabor de um dever, de uma obrigação. Mas não era isso que Jesus tinha em mente, na verdade era exatamente o contrário.



Jesus pensou na Eucaristia como um dom para a nossa necessidade, uma resposta à nossa fome e à nossa sede.

Por isso, penso que um sacerdote antes de celebrar a Eucaristia deveria perguntar-se: do que é que o meu povo tem fome hoje? O que precisa receber da Eucaristia? O que lhes falta?

Assim, agiré imitando Jesus, que veio para servir, Jesus sempre ao serviço das necessidades das pessoas.

Acredito que seja esta a direção certa e não a inversa, aquela que pergunta em que condições devem estar as pessoas para se poderem aproximar de Deus.

A direção certa é sempre a de Jesus, é claro, que nunca partia dos pecados das pessoas, mas de suas necessidades. Como quando pergunta ao cego Bartimeu: “Que queres que te faça?” (Mc 10,51; Lc 18, 41). Ou quando se preocupa com a fome da multidão que o veio escutar, ou ainda quando responde à sede da mulher de muitos maridos, oferecendo-lhe água viva, ou quando serve pão e vinho até mesmo ao homem que o irá trair, porque a fome de Judas é igual à de todos os outros.

Talvez ainda não tenhamos interiorizado a verdade que Jesus nos trouxe: o Deus da Última Ceia, do lava-pés, com uma toalha nas costas, ajoelhado no chão, retirando as crostas de porcaria dos pés dos seus amigos. Um Deus ao nosso serviço, o nosso lavador de pés.

Esta ideia é tão chocante, tão escandalosa, que ainda não a assimilámos. E talvez não queiramos assimilá-lo – mesmo que o Evangelho seja claro – porque, se realmente compreendemos que Jesus faz isto por nós, então também nós devemos fazer o mesmo uns aos outros.

E é bom terminar com palavras que não são minhas, mas do Papa Francisco. São palavras dirigidas de modo particular aos sacerdotes, mas que devem ser estendidas, diria, a todos nós, quando nos encontramos a falar do Evangelho aos outros:

“Quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra e encarná-la na sua vida concreta” (EG 150).



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

20/Jul/2024 (Sábado) - Envio

Lc 24,33-35: E, levantando-se, nessa mesma hora voltaram para Jerusalém. Encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, que diziam: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão”. Então eles contaram o que acontecera no caminho, e como Ele se lhes dera a conhecer na fracção do pão.

Comentário

Chegámos à última sequência da passagem do Evangelho de Lucas: os discípulos partem imediatamente para regressar a Jerusalém, contam aos Onze o que aconteceu e descobrem que Jesus também lhes apareceu na cidade.

Podemos ver que mesmo nesta última etapa a história apresenta uma encruzilhada e poderia ter finais alternativos e que isso depende, novamente, do que os dois discípulos decidirem:

- os discípulos poderiam ter decidido esperar, não considerando urgente a viagem para Jerusalém;
- os discípulos poderiam ter decidido não ir a Jerusalém, guardando assim para si mesmos a notícia da ressurreição.

Como já vimos nas sequências anteriores, mesmo neste último caso os discípulos fazem a escolha mais criativa: ir a Jerusalém permite-lhes viver a notícia da ressurreição não apenas como uma alegria pessoal, mas como uma força de vida que reanima a comunidade, aquela comunidade que corria o risco de ser extinta e da qual podem agora voltar a sentir-se parte viva como arautos de Jesus ressuscitado.

Observemos um aspeto importante: os discípulos não são enviados à cidade por ordem de Jesus, mas agem por vontade própria, sentindo a urgência nos seus corações. Jesus não diz para fazer isto e aquilo, não; o que lhes explicou a partir das Escrituras e da experiência eucarística vivida em conjunto transformou os discípulos e pô-los em movimento, sem a necessidade de ordens, de comandos.



São livres e fazem o que fazem porque querem, porque sentem algo que urge dentro deles, não porque sejam comandados de fora.

Esta é uma daquelas passagens do Evangelho em que se dá grande ênfase à liberdade, e é uma coisa bonita, que considero emocionante.

Também nós podemos pôr-nos em movimento porque o desejamos, porque sentimos algo de urgente dentro de nós. A Eucaristia termina com as palavras: *Ide em paz e o Senhor vos acompanhe* ou, no Tempo Pascal, *Levai a todos a alegria do Senhor ressuscitado. Aleluia. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*. Podemos interpretá-las como: ide em missão (Nouwen). E não é porque tenhamos de ter uma missão específica a cumprir, basta voltar à própria vida quotidiana sentindo-se em missão.

“Esquecemo-nos que não é que a vida *tenha* uma missão, mas que *é* uma missão” (Xavier Zubiri, citado in GE 27).

Gosto de usar a imagem do estaleiro de obras: o compromisso cristão como o trabalho num estaleiro de construção. O reino de Deus é um estaleiro em ação dentro da nossa casa. Nós somos os seus trabalhadores.

Escolher uma missão significa escolher a própria identidade.

Por um lado, há a possibilidade de rejeitar a responsabilidade, por outro lado, de a assumir e, por um terceiro lado, há a indecisão, a procrastinação.

Que identidade escolhem os dois discípulos de Emaús?

Regressam a Jerusalém, onde Jesus tinha sido executado como um criminoso alguns dias antes. O que significava ir para aquela cidade de onde se tinham afastado?

Significava embarcar novamente na aventura muito perigosa e magnífica para a qual Jesus os tinha chamado.

Sem pensar duas vezes, partiram e foram levar o anúncio a Jerusalém, reuniram-se com a comunidade, sentindo que tinham uma contribuição tão importante a dar que também valia a pena arriscar serem presos como Jesus.

As duas alternativas entre ir ou não para Jerusalém fazem-nos refletir sobre o que é verdadeiramente o pecado.



Uma leitura religiosa que vê Deus como um monarca que do alto quer a nossa obediência, interpreta o pecado como ‘recusar a fidelidade ao Soberano’. Mas a liberdade deixada por Jesus aos que O seguem faz-nos compreender que o pecado é outra coisa: é “recusar-se a assumir a responsabilidade de alimentar, de amar... É o desejo de se separar dos outros como se não precisássemos deles ou eles não precisassem de nós” (McFague).

O movimento global de toda a passagem de Lucas que lemos nestes cinco dias vai do ressentimento e do sentimento de perda, da raiva, do medo e da depressão à gratidão através do espanto; isto leva a um desejo de se religar com a comunidade e de se empenhar.

Esta transformação, graças ao encontro com Jesus, deu-se nos discípulos no centro de uma perda, num momento muito difícil das suas vidas, quando lhes faltava o chão debaixo dos pés, quando se davam respostas completamente erradas, quando tinham tomado uma direção errada e estavam cegos.

Isto assegura-nos que essa força de fé, capaz de reacender a nossa vontade e a nossa capacidade de ser úteis ao mundo, não é uma condição de momentos idílicos, não há necessidade de esperar que nos sintamos ‘à vontade’ com Deus, seguros, sem dúvidas, quando tudo corre bem.

“Na realidade, é precisamente essa forma de ver as coisas que nos mantém infelizes... Agora mesmo, no exato momento em que nos falta o chão debaixo dos pés, em que cria raízes a semente da atenção para com quem precisa da nossa ajuda e da descoberta da nossa bondade” (Chödrön).

O desejo dos discípulos de regressar a Jerusalém, de voltar ao centro do violento conflito entre o poder político-religioso e Jesus, põe em evidência o valor social da fé, o desejo de ‘mudar o mundo’ que Jesus acende em nós. E o Papa Francisco escreveu uma bela página sobre isto na *Evangelii Gaudium*, que tenho o prazer de vos propor:

“Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma ‘caridade por receita’, uma série de acções destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência.



A proposta é o *Reino de Deus* (cf. Lc 4, 43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo.

Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais [...]. A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história [...].

Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil [...].

Uma fé autêntica – que nunca é cómoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela.”

Desejo, de todo o coração, que possam dar o vosso contributo para esta mudança no mundo e que o façam com alegria, mesmo que isso exija inevitáveis canseiras.

Desejo que possam agir no vosso próprio território de missão, dando o melhor de vós mesmos, pois cada um de vós é único, especial e ninguém se pode colocar no vosso lugar, ninguém pode trazer o que podem trazer, com os vossos talentos que só a vós pertencem.

Há muitos caminhos que podem ser seguidos. O Papa Francisco indica algumas das suas prioridades: a construção da paz, a luta pela erradicação da pobreza, a proteção do meio ambiente de que dependemos.

Por onde começar?

Creio que a história dos discípulos de Emaús pode dar-nos indicações muito úteis para os nossos desafios de hoje. Lucas conta que os dois vivem uma experiência de reversão dos seus julgamentos e de abertura dos olhos.

Nas palavras de hoje, podemos dizer que, em vez de remoer as notícias dos telejornais e de sermos manipulados por narrativas distorcidas da realidade, podemos procurar a verdade. Podemos ouvir a Boa Nova de Jesus que não chama inimigo a ninguém e que está do lado dos pobres, dos oprimidos, dos rejeitados.

Podemos trabalhar sobre nós próprios e ajudar os outros na “criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG).



Afinal é disso que se trata: focar as lentes da nossa vida nas coisas que importam e não nos distrairmos com as pouco significativas. Perdemos energia e tempo em coisas como: trabalhar arduamente para conseguir mais dinheiro, tentar aparecer, fazer compras, olhar para o smartphone a cada minuto, viver uma vida centrada em si mesmo... é uma hemorragia de tempo precioso, que nos distrai de coisas importantes e rouba o tempo da nossa vida, que se foi para sempre. Arriscamo-nos, assim, a chegar ao fim da vida cheios de arrependimentos por aquilo que não fomos capazes de fazer.

“Não é que nos seja dada uma vida curta, é que deitamos fora grande parte dela. Somos nós que a tornamos curta, perdendo tempo. A vida é suficientemente longa e é-nos dada uma quantidade suficientemente generosa para alcançar os melhores resultados se tudo fosse bem investido... A vida é longa se a usarem bem” (L. A. Seneca, *Sobre a brevidade da vida*).

Se o nosso objetivo for claro, podemos, em todas as encruzilhadas da vida, escolher bem a nossa aventura, ir para Jerusalém em vez de ficarmos parados em Emaús e, assim, não perder o nosso tempo.

Desde cedo, a partir de escolhas decisivas como: que estudos e trabalho quero empreender, e depois ao longo da minha vida, em cada pequena ou grande escolha, cada pessoa deveria perguntar-se em cada encruzilhada: se seguir este caminho, vou melhorar um pouco o mundo? Vou trazer um pouco mais de amor, de carinho, de ternura? Haverá mais saúde, mais educação, mais justiça, mais cultura? Vou acrescentar um pouco de beleza e alegria? O ambiente natural em que vivo estará em melhores condições?

Se a resposta for sim, posso confiar que esse é o caminho certo.

Os dois de Emaús, fossem eles um casal ou dois amigos, sentiram a urgência de apontar a objetiva das suas vidas para as coisas que importam. E escolheram viver a sua fé não apenas numa dimensão íntima: saíram de casa e partiram.

Uma teóloga recordou que “as religiões morrem quando a sua luz se desvanece; ou seja, quando os seus ensinamentos já não iluminam a vida real dos seus seguidores... Onde as pessoas experimentam que Deus ainda tem algo a dizer, as luzes permanecem acesas” (Johnson).

Os discípulos sentiram as suas vidas reavivadas no encontro com Jesus, compreenderam que faziam parte de uma grande história em que Deus dá aos



homens e às mulheres a força para criar um mundo diferente deste, um mundo como quer a vontade de Deus.

Lucas diz-nos o que é este novo mundo desde o início do seu Evangelho. Do último capítulo em que nos encontramos agora, vamos dar um passo atrás para o primeiro capítulo e encontrar as palavras de Maria no *Magnificat*, um cântico que tem um valor não só espiritual, mas também social: derrubar os poderosos de seus tronos e exaltar os humildes, encher de bens os famintos e despedir os ricos de mãos vazias... (Lc 1, 52-53).

É um cântico que manifesta toda a força libertadora da mensagem evangélica para os mais pequeninos, as ‘grandes coisas’ que Deus opera (Lc 1, 49).

Hoje temos uma enorme necessidade de ressuscitar os grandes ideais, a começar pela paz, o que significa a abolição da guerra de uma vez por todas e das suas raízes que residem num sistema económico doente que *precisa de guerras*.

Nestes dias escutámos palavras do Evangelho que nos fazem testemunhas de esperança.

Num clima de pessimismo e resignação generalizados, vêm dizer-nos que “a morte não é a última palavra, que a nova energia da ressurreição passa hoje; o ramo que parecia estéril e enrugado torna-se tenro. Deixem que a emoção da ressurreição entre e permaneça em vós. E que vença, liberte e manifeste em vós as energias de uma nova resistência ao mal; livre, manifeste em vós toda a autenticidade da vossa vida” (Casati).

No final desta nossa caminhada juntos, faço votos para que todos possamos ser cada vez mais instrumentos nas mãos de Deus para estas ‘grandes coisas’. E gostaria de terminar com uma bela oração do Padre Giovanni Vannucci, servo de Maria e místico contemporâneo. Uma oração com a qual pedimos forças para superar as nossas crises, para seguir em frente mesmo quando falta o chão debaixo dos nossos pés, mantendo viva a certeza de que Jesus está à nossa espera ao virar da esquina, para se juntar a nós no caminho.

Uma oração que nos faz sentir unidos, que nos faz experimentar a força do bem que circula entre nós, o Espírito de Deus que nos ama.

Uma oração que nos encoraje a viver a nossa vida como uma missão, como pessoas corajosas que não têm medo de ir contra a maré, que não se resignam ao mundo tal como ele é, que ousam relançar os ideais maiores.



Porque se Jesus ressuscitou, significa que o amor, a paz, a liberdade, a justiça, não podem morrer, ressuscitarão sempre com Ele.

“Peço um olhar para as estrelas, esse espírito saudável de utopia que nos leva a reunir energia para um mundo melhor” (Francisco, *A Sabedoria do Tempo*).

Abraço-vos a todos com tanto carinho

Marina Marcolini



Que passe o Teu Espírito (por Giovanni Vannucci)

*Que passe o Teu Espírito, Senhor, como a brisa da Primavera
que faz a vida florir e abre o amor*

*Que passe o Teu Espírito como o furacão
que desencadeia uma força desconhecida
e ergue energias adormecidas*

*Que passe o Teu Espírito no nosso olhar
para o levar a horizontes cada vez mais amplos*

Que passe no nosso coração para o fazer arder com um ardor ávido de irradiar

*Que passe o Teu Espírito sobre os nossos rostos entristecidos
para fazer reaparecer seu sorriso.*

*Que passe sobre as nossas mãos cansadas
para as reanimar e alegremente colocá-las de novo ao trabalho.*

*Que passe o teu Espírito sobre nós [...].
e permaneça durante toda a nossa vida para a dilatar
e dar-lhe as Tuas dimensões divinas.*

Ámen.